

**ANAIS DO MINI CONGRESSO DE**

**MOTIVAÇÃO E EMOÇÃO**

**2018**

**Universidade de São Paulo**

**Instituto de Psicologia**

**Departamento de Psicologia Experimental**

**PSE 1444 – Motivação e Emoção**

**Profa. Dra. Briseida Dôgo de Resende**

**Profa. Dra. Emma Otta**

**Profa. Dra. Ronara de Souza Ferreira Châline**

**A RELAÇÃO ENTRE OS PERFIS COMPORTAMENTAIS DE CÃES E SEUS TUTORES**

Bittencourt, G., do Nascimento, G. O., da Silva, L. O.,

Ferreira, R. T., Giunchetti, R. E. F., & de Oliveira, R. A.

(Monitores: Crispim, A. C., & Ayrosa Filho, F. M. S.)

O debate acerca de animais e a expressão de suas emoções é secular e extenso. Descartes, por exemplo, no século XV, afirmou que os animais, não possuindo a glândula pineal, responsável pelas faculdades mental e sensitiva, seriam apenas seres autômatos, desprovidos de razão e sentimentos (Rocha, 2004). Entretanto, pesquisas recentes indicam que, além de cães identificarem estados emotivos a partir do reconhecimento de expressões faciais de humanos e coespecíficos (Albuquerque et al, 2016), cães com tutores mais ansiosos tendem a apresentar traços comportamentais relacionados à ansiedade de separação (Konok, Miklosi e Antal, 2011). Sendo assim, esse trabalho teve como objetivo verificar a relação entre o perfil comportamental de cães e de humanos (i.e. tutores), analisando-os comparativamente por meio da PANAS (*Escala de Afetos Positivos e Negativos para cães e para humanos*). A amostra total foi de N = 122 tutores, os quais responderam a PANAS relacionada aos seus comportamentos e aos comportamentos do seu cão, assim como um questionário sociodemográfico, sendo N = 81 tutores principais. Com base no objetivo da pesquisa, apenas tutores principais foram incluídos na análise (N = 81). Os escores de cada escala PANAS (cães e humanos) foram somados para derivar um escore de Ativação Positiva e um escore de Ativação Negativa para cada um. Após correlacionar os perfis de cães e seus tutores, foi identificada uma correlação moderada e significativa para perfis comportamentais de ativação negativa (*r* = 0.292, *p* = 0.008); ou seja, tutores que relatavam mais estados afetivos negativos (e.g. tensão, ansiedade) tinham cães que também apresentavam perfis comportamentais mais negativos (e.g. ansiedade). De forma complementar, tutores que relatavam estados afetivos mais positivos (e.g. alegria, entusiasmo) tinham cães com perfis comportamentais menos negativos (*r* = -0.238, *p* = 0.033). No entanto, perfis comportamentais de ativação positiva não se correlacionaram de forma significativa para tutores e cães (*r* = 0.047, *p =* 0.678). Com base nesses resultados, corrobora-se a hipótese de que tutores mais ansiosos têm cães mais ansiosos. Essa evidência sugere uma interação entre o perfil comportamental do tutor e do seu cão, sendo essa influência significativamente mais forte para perfis comportamentais de ativação negativa.

**Palavras-chave:** cães; ansiedade; afetividade; perfil comportamental; PANAS.

**A INFLUÊNCIA DO HISTÓRICO DE VIDA E DESENVOLVIMENTO SOBRE COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM CÃES**

Tanamatis, B. W., da Silva, F. J. L., Rezende, I. H., Sabino, L., Hashimoto, M. D., Roldan, M. P. R., Osato, M. D., & Choi, P. C. (Monitor: Ayrosa Filho, F. M. S.)

Nas últimas décadas, a pesquisa sobre comportamento animal difundiu-se, particularmente com o crescimento da Etologia. Um tema de grande relevância dentro dessa área de pesquisa é a agressividade e como essa se relaciona com a ecologia comportamental dos animais. Em cães, devido à íntima relação cão-humano, o número de estudos cresceu concomitantemente ao número de relatos de ataques caninos dirigidos a pessoas. O comportamento agonístico em cães pode ser dividido em categorias de acordo com a quem é dirigido: a humanos, a cães, ou a outros animais. Quanto às causas destes comportamentos, é possível pensá-las, por exemplo, ao nível da espécie ou do desenvolvimento individual. No presente trabalho, o objetivo é investigar se o histórico de vida individual de um cão se relaciona com a intensidade de episódios de agressividade direcionada a humanos nesse mesmo. Para tal, foi utilizado um questionário adaptado do C-BARQ (Canine Behavioral Assessment and Research Questionnaire) para atender à questão da pesquisa no contexto brasileiro, a ser respondido presencialmente. O instrumento apresentava duas seções: a primeira sobre informações do cão (dados de identificação e histórico de aquisição) e a segunda sobre comportamentos de agressividade (latir, rosnar, mostrar os dentes, avançar, abocanhar, tentar morder ou morder) exibidos pelo cão em uma série de contextos. Foram analisados 19 cães, sendo 13 pet e 6 de abrigo, entre as idades de 1 e 12 anos. Os resultados obtidos no piloto realizado indicaram que não há diferença significativa de intensidade de eventos de agressividade direcionada a humanos quando comparado ao histórico de vida dos cães. A comparação entre cães de abrigo e pet, não detectou diferença significativa entre os indicadores por meio do teste t de Student. Com base nesses resultados, não encontramos influência do histórico de vida sobre a intensidade de episódios de agressão. Entretanto, como o piloto realizado comporta um baixo número de participantes, sugere-se que ele seja reaplicado com um ‘n’ amostral maior, a fim de validar e verificar os resultados obtidos.

**Palavras-chave:** agressividade; cães; desenvolvimento.

**DIETA EM FORMIGAS CORTADEIRAS:**

**PREFERÊNCIA ALIMENTAR DAS *ATTA SEXDENS***

Barreto, A. Z. S., Michel, C. E. B., Gomes, G. L. A.,

Cattaneo, L. H., & Freitas, L. M.

(Monitor: Pereira, J.)

As *Atta sexdens*, conhecidas como cortadeiras saúva-limão,cortam e transportam folhas vegetais para a colônia, onde o fungo é cultivado e serve de alimento a elas. Com isso, a dinâmica dessa relação depende principalmente da atividade de forrageamento e da seletividade dos alimentos por parte das cortadeiras. Estudos apontam que a introdução de *Acalypha* sp na alimentação de uma colônia está relacionada com o seu aumento populacional. Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar o comportamento de forrageamento e escolha de alimento das *A. sexdens*, para verificar esta suposta preferência. Para tal, foi montado um aparato experimental com três pontes conectando a subcolônia a três recipientes simultaneamente, cada um com uma espécie diferente de planta: acalifa (*Acalypha* sp), hibisco (*Hibiscus* sp) e amora (*Morus* sp), durante 30 minutos. Para cada tipo de folha, foram monitorados: tempo de latência do transporte; número de formigas forrageando; e fluxo de formigas indo para os recipientes durante o último minuto do forrageamento. Os dados obtidos foram tabulados e analisados estatisticamente com o software SPSS v.24 (p<0,05). No total foram testadas seis subcolônias. Os resultados indicam que a acalifa foi a primeira folha transportada em 83% das subcolônias, contudo o tempo médio de latência do transporte não diferiu entre os tipos de folhas (Kruskal-Wallis, p=0,318; Acalifa: Média±DP, 15±9; Hibisco: 20±10; Amora: 17±6). A contagem das formigas mostrou uma maior atividade de forrageamento da acalifa em relação ao hibisco, mas não quanto à amora (ANOVA/Tukey p<0,031; Acalifa: 50±42, N=301; Hibisco:8±6, N=50; Amora: 22±10, N=131). Quanto ao fluxo de formigas, a média de formigas entre as folhas foi similar (ANOVA=0,201; Acalifa: 24±18, N=141; Hibisco: 12±3, N=69; Amora: 19±6, N=112). O tempo de latência para o transporte das folhas indica que elas de fato são morfologicamente similares, logo o tempo de manipulação de corte não foi uma variável influenciadora na quantidade de forrageamento. Os dados referentes ao número de forrageadoras sugere preferência pela folha de acalifa sobre a de hibisco, mas não com relação à de amora, confirmando parcialmente a hipótese do experimento. A proximidade do fluxo comparado entre as plantas indica que havia possibilidades semelhantes de forrageamento, o que consiste em dizer que as diferenças observadas na quantidade de forrageadoras indica seletividade. Porém, uma maior amostra experimental se mostra necessária para obter-se resultados mais precisos.

**Palavras-chave:** saúva-limão; forrageamento; seleção de alimentos.

**FORMIGAS FAMINTAS EM AÇÃO:**

**ALIMENTAÇÃO INDIVIDUAL OU COLETIVA?**

de Melo, B. D. R., Cappucci, G. M., Lin, V. A., Fachini, V.,

& dos Santos, V. O. R.

(Monitora: Pereira, J.)

As formigas cortadeiras vivem em mutualismo com um fungo, do qual provém parte de sua alimentação. A outra é adquirida da seiva das folhas. Quando as formigas são privadas de folhas, o fungo é a sua única fonte de alimento. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é verificar a influência do período de privação de folhas na tomada de decisão de formigas. Presume-se que, no grupo privado de folhas (experimental), haverá preferência por elas em detrimento da sacarose, enquanto que, no grupo alimentado diariamente (controle), a preferência será inversa. Para tal, foi realizado um experimento em laboratório com a saúvalimão, Atta sexdens, no qual se testaram duas subcolônias de uma mesma colônia simultaneamente nas duas condições, experimental e controle. Cada subcolônia foi ligada, por uma ponte em “Y”, a dois recipientes: um com folhas de abacateiro (Persea americana) e o outro contendo água com sacarose. Durante a coleta de dados foram monitorados: tempo de início da exploração dos recipientes; número de formigas forrageando e ingerindo água com sacarose por 30 minutos; e fluxo de formigas que se deslocavam da subcolônia para os recipientes durante o último minuto de forrageamento. No total, foram testadas seis subcolônias, três controles e três experimentais. O tempo de início da exploração das duas condições diferiu pouco, com o grupo experimental iniciando antes (Controle: média±DP, 8±2/minuto; Experimental: 6±1/minuto). Quanto ao número de formigas forrageando, a média do grupo experimental foi maior para ambos os alimentos (Experimental: Folha 36±46 N=109; Sacarose 50±49 N=151; Controle: Folha 3±4 N=9; Sacarose 39±15 N=117). Contudo, houve variação entre as subcolônias: duas controles apresentaram mais formigas forrageando sacarose (80,5% e 94,1%) do que folha, e o contrário nas respectivas experimentais (sacarose: 28,8% e 41,7%). Enquanto isso, na terceira subcolônia controle, nenhuma formiga forrageou folha e, na respectiva experimental, mais formigas preferiram sacarose (94,6%) a folhas. Finalmente, o fluxo de formigas foi maior no grupo experimental do que no controle em todas as iterações (Experimental: 29±13/minuto; Controle: 18±10/minuto). Os resultados obtidos dão indícios de que as formigas das subcolônias controles optam mais pela sacarose, como sugeria a hipótese. Para o grupo em privação, os números encontrados apresentam certa discrepância, principalmente na terceira iteração. Posto isso, entende-se que ainda são necessárias mais repetições do experimento para se concluir o efeito da privação no comportamento das formigas.

**Palavras-chave:** saúva-limão; motivação; comportamento animal.

**BAIXA REPRESENTATIVIDADE FEMININA**

**NA DOCÊNCIA E NAS CIÊNCIAS EXATAS**

**NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Teixeira, C. A. A., Berthoux, D., de Azevedo, I. D., Marinho, L.S., Matsuchita, L. O., Prates, T. A., & Alves, T. Y.

(Monitora: de Felipe, R. P.)

Pesquisas nacionais e internacionais revelam representação desigual entre homens e mulheres no meio acadêmico, a depender de fatores como área de conhecimento e posição hierárquica. Este estudo analisou o número de homens e mulheres em três áreas do conhecimento (ciências humanas, biológicas e exatas) e quatro posições hierárquicas (graduação, pós-graduação, pós-doutorado e docência) pertencentes a 37 unidades de ensino da Universidade de São Paulo (USP). Os dados foram retirados do Anuário Estatístico da USP (2017), que possui dados referentes ao ano de 2016. Buscou-se investigar se a USP segue tendências nacionais e internacionais que apontam para uma maior representatividade masculina em posições hierárquicas de maior qualificação e nas áreas das ciências exatas, e uma maior representatividade feminina em posições hierárquicas menos qualificadas e nas áreas de ciências humanas e biológicas. A comparação numérica entre homens e mulheres em função dos grupos (áreas de conhecimento e níveis hierárquicos) foi realizada por meio de Testes de Wilcoxon no Statistical Package for Social Sciences (SPSS). Nas ciências humanas, foi encontrado um número significativamente maior de homens apenas na docência [z = -2.192, p = 0.028]. Nas ciências biológicas, foi encontrado um número significativamente maior de mulheres na graduação [z = -2.726, p = 0.006], pós-graduação [z = -3.237, p = 0.001] e pós-doutorado [z = -3.408, p = 0.001]. Já nas ciências exatas, foi encontrado um número significativamente maior de homens em todos os níveis hierárquicos: graduação [z = -2.903, p = 0.004], pós-graduação [z = -2.903, p = 0.004], pós-doutorado [z = -1.923, p = 0.005] e docência [z = -3.064, p = 0.002]. A hipótese de que há predominância masculina no nível de maior qualificação da carreira (docência), independentemente da área de conhecimento, foi confirmada. Também foram confirmadas as hipóteses de predominância feminina nas ciências biológicas e predominância masculina nas ciências exatas. Um resultado contrário ao esperado foi o número semelhante de homens e mulheres nas ciências humanas. Este poderia ser explicado pelo fato das unidades de ensino que oferecem cursos de economia, administração e direito, compostas majoritariamente por homens, equilibrar a predominância feminina antes esperada nessa área e presente nas demais unidades voltadas à comunicação, filosofia e ciências humanas, arquitetura e relações internacionais. Assim como em outras universidades nacionais e internacionais, conclui-se que na USP há menor participação feminina na docência, bem como maior representatividade masculina nas ciências exatas.

**Palavras-chave:** academia; desigualdade de gênero; áreas do conhecimento; hierarquia.

**BRINCADEIRA EM CASAIS: RELAÇÃO ENTRE**

**A FREQUÊNCIA DE BRINCADEIRAS E**

**O NÍVEL DE SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO AMOROSO DE VARIADOS TIPOS DE CASAL NO BRASIL**

Silva, C. L., Morales, G. N. S., Braun Santos, M. M. R.,

Ohanian, M. Y., & Martins, N. L.

(monitora: Ferreira, I. F.)

O presente estudo se propôs a investigar se a frequência de brincadeira em casais é relacionada com a satisfação quanto ao relacionamento, além de avaliar se há diferenças entre casais heteroafetivos e homoafetivos. Colarusso (1993) menciona que, uma vez que o desenvolvimento é duradouro por toda a vida, as funções da brincadeira na idade adulta seriam as mesmas da fase infantil, isto é, promover engajamento e desenvolvimento de habilidades relacionadas a tarefas específicas da fase em que o indivíduo se encontra. Além de facilitar a vivência de emoções positivas, brincar pode servir como facilitador em situações sociais e, principalmente, em comunicações bem-sucedidas nos relacionamentos amorosos e é uma característica desejada em potenciais parceiros românticos (Chick, Yarnal, & Purrington, 2012). Nesse sentido, a frequência de brincadeiras poderia influenciar o nível de satisfação no relacionamento. Para a realização da pesquisa, foram aplicados os questionários *Couple Play Assessment (CPA)*, elaborado por Vanderbleek et al (2011) e o *Evaluation and Nurturing Relationship Issues, Communication and Happiness (ENRICH)*, elaborado por Olson et al (1985). A amostra é composta por 95 pessoas que estavam em um relacionamento monogâmico e que não moravam junto com seu parceiro(a). Destas relações, 81 eram heteroafetivas e 14 homoafetivas. A média de idade dos participantes foi de 23,15 anos, e o tempo médio de relacionamento dos participantes foi de 24 meses. Para medir o grau de correlação entre a variável dependente (satisfação com o relacionamento) e independente (frequência de brincadeira), foi realizado o teste de Correlação de Spearman e o Teste Mann-Whitney para verificar se a frequência de brincadeiras diferia entre tipos de casal e o tempo de relação. Quanto aos resultados, não houve uma correlação significativa entre as variáveis (r=0,148 ; p>0,05), o que não confirma a hipótese de que quanto mais um casal brinca, mais ele é satisfeito com a relação. Além disso, não houve diferença significativa quanto ao tipo de relacionamento. Casais com mais de dois anos de relacionamento brincam mais quando comparados a casais juntos a menos de dois anos, o que pode ser explicado pelo maior índice de intimidade desenvolvido entre o casal, haja vista que o brincar é considerado como indicador de intimidade, estabelecendo, portanto, proximidade e sincronia entre o casal (Baxter, 1992). Estudos futuros necessitam ser realizados visando o aumento do número amostral e utilizando instrumentos validados e melhor adaptados para nossa cultura.

**Palavras-chave:** brincadeira em casais; satisfação; heterossexual; homossexual.

**BRINCADEIRA EM CASAIS**

**E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS POR MEIO DA NEGOCIAÇÃO**

Portella, B. S., Quadros, S. I., Azevedo, R. C., Neves, P. H.,

& Souza, G. S.

(Monitora: Ferreira, I. F.)

Adultos frequentemente descrevem que um dos aspectos mais importantes de suas relações amorosas é a brincadeira com seus parceiros. No entanto, a bibliografia sobre brincadeira em casais é escassa. O presente estudo buscou preencher uma lacuna de pesquisas na área ao avaliar se a brincadeira em relacionamentos estaria associada com uma boa comunicação no casal, em particular no que se refere à resolução de conflitos por meio da negociação. Para tanto, foram aplicados dois questionários: o Couple Play Assessment (CPA), que avalia a frequência de brincadeiras no casal, e o Revised Conflict Tactics Scales (CTS2), do qual foi usada apenas a subescala que avalia a resolução de conflitos por meio da negociação. Além disso, os participantes preencheram um questionário sociodemográfico. A aplicação dos questionários foi feita por meio de um formulário online divulgado em redes sociais. A amostra foi composta por um total de 39 participantes, sendo 27 mulheres (69,2%) e 12 homens (30,8%), com idade média de 21,69 anos (DP = 2,178 anos). Já a idade média dos parceiros foi de 23,31 anos (DP = 4,623 anos), e o tempo de relacionamento médio foi de 24,82 meses (DP = 18,406 anos). Os dados obtidos com os questionários possuíam uma distribuição não-normal, portanto a correlação de Spearman foi a utilizada entre a frequência de brincadeira e a frequência do uso de táticas de negociação na resolução de conflitos. Ao final do estudo, foi possível verificar que as variáveis avaliadas possuíam uma correlação positiva (r=0,365) e estatisticamente significativa (p<0,05), o que confirmou a hipótese de que casais que brincam com maior frequência também utilizam mais a negociação na resolução de conflitos. Esses resultados corroboram aquilo que é encontrado na literatura. Baxter (1992) afirma que a brincadeira está relacionada à proximidade do casal além do fato de que ela própria pode proporcionar maior intimidade entre os parceiros. Não houve diferenças significativas na frequência de brincadeiras quanto ao sexo nem quanto ao tempo de relacionamento. Embora o estudo tenha apontado para a confirmação da nossa hipótese, o tamanho limitado da amostra restringe nossas conclusões, tendo em vista que a correlação obtida pode estar enviesada.

**Palavras-chave:** brincadeira em casais; resolução de conflitos; negociação.

**CORRELAÇÃO ENTRE QUALIDADE DE SONO,**

**ATIVIDADES DE ROTINA E FATORES SOCIOECONÔMICOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Gorosito, A. A., Costa, B. B. V., Souza, F. T. L., Santos, G. S.,

& Poncansini, L. H.,

(Monitor: dos Santos, I. M.)

O ciclo sono-vigília pode ser influenciado por fatores como horários de trabalho, estudos, atividades familiares e sociais, mantendo relação de fase com outros ritmos biológicos do organismo. A proposta deste estudo foi analisar o grau de correlação entre qualidade de sono dos estudantes da graduação de psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), e diferentes fatores de rotina, como mobilidade urbana, afazeres domésticos, horas de trabalho. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário online abrangendo questões referentes aos aspectos socioeconômico, graduação, sono e autopercepção. Foram coletadas 50 respostas, sendo que duas não se enquadraram no perfil de interesse, 34 dizem respeito ao público feminino, 13 ao público masculino e 1 ao público não binário. Destes, 83,3% possuem faixa etária entre 19-25 anos, 87,2% não trabalham, 18,8% são responsáveis pelo próprio sustento e 10,8% dos participantes são responsáveis por cuidar de alguém diariamente. 35,5% dos participantes avaliaram seu sono como ruim ou muito ruim. 87,5% alegaram que ficam sonolentos em situações cotidianas, destes, 12,5% afirmaram sentir sonolência ao ponto de incomodar outras pessoas, 8,3% dizem dormir em lugar indevido. Trabalhar não constituiu um fator relacionado à qualidade ruim ou muito ruim de sono, pois apenas 1 dos 6 participantes que informaram trabalhar tinha qualidade de sono muito ruim. Das 48 pessoas que fazem disciplinas obrigatórias do IPUSP, 17 têm qualidade de sono ruim ou muito ruim. Das 39 pessoas que cursam disciplinas optativas do IPUSP, 17 têm qualidade de sono ruim ou muito ruim. Das 20 pessoas que fazem disciplinas optativas fora do IPUSP, 7 têm qualidade de sono ruim ou muito ruim. A respeito da disposição ao acordar, 22 participantes alegaram que se sentem razoáveis nessa circunstância, enquanto 26 afirmaram que possuem falta de energia, desmotivação, humor deprimido, falta de atenção, dores musculares, inflamações, queimações, fadiga ou esquecimento, de modo que 11 destes últimos avaliam seu sono como ruim ou muito ruim. Ainda dentre as pessoas que definem sua disposição ao acordar como (4) e (5), considerando as atividades diárias que interferem na noite de sono, observou-se que 8 dormem em horário usual mesmo com coisas a fazer, enquanto 18 não o fazem. Ainda, 15 deixam de dormir mais de uma hora para compensar atividades, enquanto apenas 3 deixam de dormir alguns minutos para tal.

**Palavras-chave:** qualidade do sono; auto-percepção; fatores de rotina.

**A CORRELAÇÃO ENTRE A ÁREA DO CONHECIMENTO E QUALIDADE DO SONO**

Almeida, C. A. G. de, Chagas, B. dos S., Goldberg, A. F.,

Kiki, K. F. S., & Perez, B. G.

(Monitor: dos Santos, I. M.)

A qualidade de sono de estudantes tem sido alvo de interesse de diversos estudos. A presente pesquisa se propôs a estudar esta questão e sua relação com as atividades acadêmicas, tendo como objetivo a verificação da relação entre a rotina (atividades extraclasses, como leitura) de estudantes universitários e as horas aulas do curso para ver a influência desta rotina na qualidade e quantidade do sono dos mesmos. Para tal, foi aplicado um questionário online para verificar esses aspectos, de forma comparativa entre as três grandes áreas de conhecimento (humanas, exatas e biológicas). O questionário abrangeu as atividades extraclasses (horas de leitura e horas de listas de exercícios, por exemplo), contudo devido a um erro metodológico não foi possível utilizar esses dados de forma satisfatória. A amostra foi de 117 composta por estudantes da graduação da Universidade de São Paulo sem distinção de sexo e de idade, sendo 61 da área de biológicas, 36 de exatas e 20 de humanas. Resultados preliminares indicam uma correlação negativa (-0,21 a p<0,05) entre as horas de aula e de sono, o que denota que os alunos que têm mais horas de aula dormem menos. Porém não foram encontradas correlações entre a qualidade do sono e quantidade de horas de sono, sinalizando que dormir mais não é o mesmo que dormir melhor, o que corrobora outros estudos sobre sono. Também foi encontrado um resultado marginalmente significativo (p=0.0557) ao comparar os valores z das horas de sono entre as áreas biológicas, exatas e humanas, indicando que pode haver diferença entre os grupos. Ademais, em média, alunos de humanas apresentam score de qualidade de sono maior do que os de exatas e biológicas, indicando que esse grupo tem pior qualidade de sono. Entretanto, deve-se levar em consideração que as amostras, separadas pelas áreas, são bastante discrepantes, podendo esses resultados não serem significantes devido à pequena amostra do grupo de humanas.

**Palavras chaves:** sono; áreas de conhecimento; atividades extracurriculares; estudantes.

**O LIKE ENQUANTO INDUTOR DE PREFERÊNCIA DO OLHAR POR MEIO DO FENÔMENO DA**

**CONFORMIDADE SOCIAL**

Kohan, A. C., Pereira, A. W. M., Pellegrino, G. S.,

Silva Junior, L. E. C., Meneses, T. C., & Gonsalez, V. M.

(Monitor: Toledo, E. H.)

No mundo atual, uma parte significativa de nossa sociabilidade ocorre através da mediação das redes sociais digitais. Isso significa que essas plataformas se tornam o palco da forma como nos relacionamos, aprendemos e formamos opiniões, tornando necessário o estudo de como elas afetam as relações e os processos que nelas ocorrem. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a influência dos likes sobre a formação de preferências, inferida a partir da preferência do olhar, que foi medida pelo eye tracker. Adicionalmente, verificamos se a preferência do olhar condiz de fato com a influência declarada. Participaram do experimento 24 sujeitos, todos estudantes de graduação na Universidade de São Paulo. Foram 10 homens e 14 mulheres, entre 17 a 29 anos. Cada participante observou no monitor do eye tracker 20 pares de imagens, que foram retiradas do banco de imagens IAPS e pareados por semelhança. A cada foto foi atribuída uma quantidade de likes, de forma que uma das fotos do par tivesse significativamente mais likes do que a outra. Os sujeitos foram divididos em dois grupos, um com 11 participantes e outro com 13, que viram os mesmos pares, mas com as curtidas trocadas entre as fotos. Após esse primeiro procedimento, os participantes respondiam um questionário sobre qual foto eles preferiam, em cada par. Esperávamos observar que, em ambos os casos, a foto com maior quantidade de likes era a mais observada e também a mais selecionada como preferida dentro do par. É interessante destacar, também, que em uma questão aberta do questionário sobre o que os participantes imaginaram que fosse o objetivo do experimento, 75% reconheceu os likes como tema do estudo, o que pode ter afetado os resultados. Analisamos as diferenças das médias do tempo de fixação do olhar nas fotos com mais e menos likes por meio de um teste t. Não encontramos resultados estatisticamente significativos (t = -0.859, df = 38, p = 0.3957). Também não encontramos os resultados esperados quanto a preferência do olhar e a preferência declarada, não havendo uma associação significativa entre as duas preferências. Apesar desse estudo não ter oferecido resultados significativos, faz-se recomendações metodológicas para próximos estudos como esse, pois foi um piloto com amostragem reduzida, de forma que os dados não são conclusivos. Reforçamos a relevância do estudo da influência das redes sociais na formação de preferências e opiniões e a consequente necessidade de estudos mais abrangentes sobre o assunto.

**Palavras-chave:** eye-tracker; preferência do olhar; likes.

**ESTUDO ACERCA DA BRINCADEIRA COMO COMPORTAMENTO SOCIAL INICIAL AO LONGO DO PRIMEIRO ANO DE VIDA DE MACACOS PREGO SILVESTRES (*Sapajus libidinosus)***

Thomaz, V. V. M., Vetere L. A., Ferreira, P. H. S.,

& Freitas Neto E. M.

(Monitora: Franco-Rogelio, M. C.)

Essa pesquisa busca um melhor entendimento da relevância do comportamento de brincar nas relações sociais entre indivíduos, através do número de parceiros envolvidos na brincadeira ao longo do desenvolvimento de macacos prego. A metodologia da pesquisa se baseou na coleta de dados quantitativos em relação ao número de indivíduos com os quais dois macacos prego brincaram ao longo de seu primeiro ano de vida. Para tal, foram analisadas quatro horas de vídeos de brincadeira que se passam em diferentes momentos do primeiro ano de cada um desses macacos. Após a análise da coleta de dados, ficou evidente que a maioria das brincadeiras entre os macacos se deu com um único indivíduo. Além disso, os comportamentos de correr e rolar não foram relatados na coleta, sendo que, dois motivos podem ter levado a isso: o pequeno espaço amostral ou a faixa etária dos indivíduos. A hipótese de que o comportamento de brincar se mostraria diretamente ligado ao número de indivíduos com os quais um macaco prego se relaciona ao longo de seu desenvolvimento, não pôde ser confirmada devido a algumas barreiras metodológicas. O espaço amostral foi pequeno e a diferença de idade entre os vídeos analisados não foi significativa para um estudo que levava em conta o desenvolvimento do animal, além de uma confiabilidade de 50%. Entretanto, mesmo a pesquisa não tendo se mostrado conclusiva, muitas questões foram levantadas e discutidas acerca do assunto. A literatura utilizada no processo se baseia na ideia de que a brincadeira tem papel fundamental no desenvolvimento, não só de macacos prego, mas dos seres humanos também. Um dos maiores frutos do trabalho, foi o entendimento da importância que o estudo comparativo tem no estudo do comportamento.

**Palavras-chave:** brincadeira; primata; desenvolvimento social.

**ESTUDO COMPARADO ACERCA DA BRINCADEIRA SOCIAL ENTRE MACHOS E FÊMEAS NO PRIMEIRO ANO DE VIDA DE MACACOS PREGO SILVESTRES (Sapajus libidinosus)**

Dimantas, D. P., Assumpção, I. M., Oliveira, S. G.,

& Simon, E. F. R.

(Monitora: Franco-Rogelio M. C.)

Neste projeto, buscamos, por meio da observação e análise da ação de brincar em macacos prego, elucidar algumas questões acerca das diferenças nas brincadeiras entre machos e fêmeas da espécie. Nosso objetivo foi de evidenciar presença de diferenciação no tempo de participação nas brincadeiras sociais.

A metodologia de pesquisa consistiu em coleta de dados quantitativos acerca do tempo de brincadeira de dois macacos prego, um macho e uma fêmea, no período de um ano. Para tal, foram analisadas uma hora, quarenta minutos e um segundo de tempo total de brincadeiras. Após a análise da coleta de dados, concluí-se que a porcentagem de presença de brincadeiras por parte da fêmea é menor do que a do macho, comparando-se em 36,55% e 42,73% do tempo total de brincadeiras. Entretanto, é perceptível maior variedade de brincadeiras por parte da fêmea do que do macho, tendo a primeira utilizado 1,6% de seu tempo na brincadeira de saltar, 1,18% na de perseguir, 18,9% na de cutucar e 14,86% na de morder, contrastando com 21,83% na de cutucar, 20,44% na de morder e 0,46% na de perseguir, por parte do macho. A hipótese de que o comportamento de brincar apresentaria diferenças entre macacos prego machos e fêmeas não pôde ser comprovada em decorrência de algumas barreiras metodológicas. O espaço amostral foi pequeno e a confiabilidade do estudo ficou abaixo dos parâmetros recomendados pela literatura. Entretanto, cabe ressaltar o valor e caráter frutíferos da construção desta pesquisa, que embora não reconheça função atestatória, resgatou e ampliou diversas discussões acerca do tema, trabalhando em direção da capacitação e aprendizado do fazer científico entre os alunos pesquisadores presentes. Uma das maiores marcas deixadas pela confecção deste projeto foi a compreensão da importância no estudo objetivo e comparativo de dados.

**Palavras-chave:** primata; brincadeira; sexos